



## Procura-se sapatão:

### Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro

*Suane Felipe Soares*

## RESUMO

A presente comunicação apresenta os primeiros indicativos coletados e analisados, até o presente momento, em minha pesquisa de doutorado. A proposta do trabalho é traçar uma historiografia partindo das primeiras manifestações do movimento lesbofeminista brasileiro, em 1979, e alcançar os dias atuais por meio de recortes temporais mais relevantes da trajetória dos grupos lesbofeministas a fim de compreender processos essenciais para a formação da identidade lesbofeminista brasileira. Será traçado um debate com as fontes secundárias já existentes e análise de documentos primários como matérias de jornais e revistas relativos ao tema. O objetivo central é trazer à tona histórias esquecidas e insuficientemente trabalhadas na história desse movimento no Brasil buscando entender as condições em que esses grupos se formaram quais suas demandas, orientações teóricas e diálogos com demais grupos estrangeiros. Praticamente todos os setores dos movimentos das esquerdas tiveram conflitos com as lesbofeministas e muitas dessas associações ainda são impossíveis, mesmo que uniões estratégicas e fugazes com outros movimentos a fim da conquista de pautas comuns tenham ocorrido. Entretanto, a invisibilidade costumou ser o preço a ser pago por essas alianças. A retomada histórica dos principais momentos dessa história bem como os motivos e as consequências para a configuração do movimento como se apresenta hoje no Brasil e suas perspectivas futuras constituem os pontos norteadores do presente estudo.

**Palavra-chave:** Identidade lésbica. Movimento lesbofeminista brasileiro. Invisibilidade lésbica. Movimento feminista.

## INTRODUÇÃO

Pensar a questão da homossexualidade feminina no Brasil é um desafio dos mais complexos. Sempre que penso em escrever sobre o tema acabo desistindo. Sinto que não sou capaz, que não tenho meios e que não tenho teoria suficiente. Penso que deve haver pessoas mais qualificadas e que todas as minhas amigas que elogiam meus escritos estão a fazer tal ação apenas por gostarem de mim.

**18º REDOR**  
24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Reconhecer o trabalho de uma lésbica como um trabalho profissional e completo é algo completamente improvável por qualquer pessoa, inclusive por ela mesma.

É com essa reflexão que eu comecei a perceber que escrever sobre nós é um desafio que guarda uma peculiaridade. Somos demasiadamente invisíveis para registrar nossas histórias. Isso não mudou em anos de movimento lésbico no país e não tem perspectivas de mudanças nos anos vindouros. Vivemos nas sombras do poder que conquistamos juntos com as mulheres heterossexuais e bissexuais justamente porque esses poderes não são – via de regra – conquistados em nosso nome, mas com nossos braços fortes.

Esse é um trabalho para fazer uma mistura entre relato de caso e desabafo científico de cunho pessoal. Se o termo desabafo científico tem outro nome eu não sei e me dou o direito de não saber. O que eu sei é que já li outros trabalhos com esse mesmo viés e me sinto explodindo por dentro ao escrever essas linhas. Cada um dos trabalhos que leio sobre nós, sobre lésbicas feministas, me faz perceber que muitos ainda precisam ser escritos e percebo que em cada frase nos abtemos de tocar nos assuntos dos nossos sentimentos, como se eles fossem apenas informações, como quaisquer outras.

Não são. Falar em primeira pessoa pode parecer pouco científico. Ser objeto e autora-pesquisadora pode ser ainda mais parcial. Difícil convencer os homens de que eles estão errados ao gastarem séculos de seus empreendimentos em aprimoramento das ciências. Difícil convencê-los de qualquer coisa. Afinal, são homens. Suas reflexões partem de uma condição estrutural de superioridade que relega à nossa condição uma subalternidade bastante específica. Vamos sobrevivendo com os espaços que galgamos em meio às permissões e repressões que sempre sofremos.

Escrever hoje pode não ser mais considerada uma atividade masculina, mas escrever cientificamente e dispor da credibilidade que esse ato pode conter em nossa sociedade, definitivamente, é algo que eu sempre percebi, em primeira pessoa, como indisponível para mim. E, por pura audácia, escrevo. E escrevo muito bem. Conheço outras mulheres que o fazem. Somos irmãs. E como prova do que fazemos escrevo esse trabalho no qual, viabilizo várias de nós unidas pelo



denominador comum de que não somos loucas por nos amarmos, não somos fracas e somos muito talentosas.

## 1. Procura-se sapato em cruzamentos históricos entre movimentos

Decidi escrever um pouco da nossa história obedecendo a todas as premissas atuais e que não há uma verdade universal, de que nossas histórias são apenas interpretações e de que cada fonte pode apresentar a uma determinada pesquisa informações diversas. Alguns trabalhos já foram empreendidos utilizando algumas das fontes que pretendo usar neste estudo. Dentre eles posso citar algumas autoras e um autor que são bastante reconhecidos no Brasil: Patricia Lessa, Mirian Grossi, Regina Facchini, Rachel Soihet, Céli Regina Jardim Pinto, Tania Navarro Swain, Luiz Mott, Leandro Colling, Júlio Assis Simões etc.<sup>1</sup>

Cada uma dessas contribuições, a seu modo, trouxe uma abordagem peculiar ora das lésbicas, ora das feministas, ora do movimento LGBT e demais encruzilhadas de lutas que se aproximam e se afastam de acordo com os contextos. Me apoiando nesses trabalhos e também em fontes primárias e outros materiais escritos, muitos disponíveis de maneira virtual em blogs e redes sociais, encontro indícios de que essas fontes podem me contar mais sobre o que busco saber. Quero produzir uma versão das lésbicas feministas brasileiras.

Enquanto cumpro a etapa do levantamento bibliográfico sobre o tema sinto a necessidade de apresentar à comunidade científica, bem como às militantes, alguns apontamentos sobre esse processo. Inicialmente, minhas pesquisas revelaram que pouco se produziu e se produz sobre lésbicas brasileiras. Mesmo sendo um resultado esperado desde o princípio, tal situação incorre em certos complicadores. As fontes são escassas e em geral produzidas sem divulgação – a nível pessoal ou local (de um coletivo, de um grupo).

---

<sup>1</sup> Essas autoras e esses autores escreveram livros, artigos ou capítulos de livros que possuem alguma abordagem sobre o histórico do movimento lésbico e/ou feminista no Brasil de maneira que podem ser consideradas bibliografias de grande importância dentro da temática. Mesmo os trabalhos que não falam exatamente sobre feministas lésbicas contribuem com informações e detalhes da conjuntura em que os movimentos lésbicos se desenvolveram. As referências completas de cada trabalho constam na bibliografia final.



### 1.1. Primeiro momento – Visibilidade

Todo o material teórico se afina com a questão das fontes primárias. Lessa (LESSA, 2007) dividiu, a meu ver, acertadamente, o movimento lésbico feminista brasileiro em três momentos. Segundo ela o primeiro momento, a partir de 1979, foi marcado pela produção de materiais que tirassem as lésbicas feministas do anonimato quase que completo em que viviam. Esse momento é marcado com a produção de pequenas publicações e de algumas desavenças com o movimento homossexual masculino, os gays. As lésbicas militantes vivenciam o poder da publicização da visibilidade.

Fora do armário, elas começam a entender que precisam de visibilidade e de autonomia. Uma coisa não pode ser produzida sem a outra. Juntamente com isso, passam a encontrar algum apoio em meios feministas heterossexuais. Apoio esse que não dura. Logo elas percebem que suas causas são atropeladas pelo desejo de aceitação que as mulheres – sempre subjugadas – possuem em meio às esquerdas e aos companheiros homens. Às lésbicas, sobra lutar centralmente por pautas heterossexuais ou separar-se mais uma vez.<sup>2</sup>

#### 1.1.1 Segundo momento – Institucionalização

Construindo movimentos autônomos tanto das esquerdas, quanto das feministas e dos gays, elas passam a vivenciar o isolacionismo tanto por falta de contingente que compõe a briga da homossexualidade publicamente quanto por falta de interesse público. O segundo momento começa justamente quando as ONGs e o fim da ditadura promovem o aparelhamento estatal através do financiamento dos movimentos sociais. O que antes era risco de vida agora é risco de apagamento. Por questões de sobrevivência, muitas incorporam organizações gays e de mulheres.

---

<sup>2</sup> Sobre as questões que separam historicamente a militância das feministas heterossexuais e das feministas lésbicas, ver: *Porque as feministas heterossexuais odeiam as lésbicas*. s/a, s/d. In.: <http://heresialesbica.noblogs.org/files/2014/04/Por-que-as-feministas-heterossexuais-odeiam-as-l%C3%A9sbicas.pdf>. Acessado em: 19 out 2014, às 07h36min.









masculina; atuação por uma perspectiva feminista radical; crítica à feminilização como instrumento de dominação patriarcal; crítica a heterossexualidade compulsória; construção de laços de sororidade; entre outras características.

Durante esse trabalho foi adotado o termo em seu sentido mais simplificado, ou seja, uma junção das palavras. Isso não quer dizer, porém, que o movimento lesbofeminista será ignorado em minhas pesquisas futuras. Compreender esse movimento parece central para entender as disputas e associações empreendidas entre lésbicas e demais setores dos movimentos relacionados a sexualidade e papéis sexuais. Assim como outros movimentos e correntes feministas que englobam ou excluem lésbicas dentro das correntes feministas.

## 2.1. Identidade lésbica

De acordo com Rich, ser lésbica de maneira politizada e consciente implica em reflexões:

Meu impulso organizador é o de crer que não seja ainda suficiente que o pensamento feminista tenha reconhecido existirem textos especificamente lésbicos. Qualquer teoria ou criação cultural/política que trate a existência lésbica como um fenômeno marginal ou menos “natural”, como mera “preferência sexual”, como uma imagem espelhada de uma relação heterossexual ou de uma relação homossexual masculina seria, portanto, profundamente frágil, independente de qualquer contribuição que ainda tenha. (RICH, 2010, p. 25)

A questão relativa à preferência sexual é de grande importância. Se a lesbiandade não pode ser vivida como uma preferência, certamente ela pode ser entendida como uma escolha. Enquanto a preferência despolitiza, a escolha se apresenta como a tomada de consciência e a politização do cotidiano através da aceitação de pertença e coerência com o grupo subalterno e que investe na construção de autonomia e distanciamento com relação aos opressores.

Ser lesbiana en una cultura tan supramachista -capitalista- misógina-racista-homofóbica e imperialista, es un acto de resistencia, una resistencia que debe ser acogida a través del mundo por todas las fuerzas progresistas. La lesbiana, esa mujer "que ha tomado a otra mujer como amante" ha



logrado resistir el imperialismo del amo en esa esfera de su vida. La lesbiana ha descolonizado su cuerpo. Ella ha rechazado una vida de servidumbre que es implícita en las relaciones heterossexistas/heterossexuales occidentales y ha aceptado el potencial de la mutualidad en una relación lésbica, no obstante los papeles.(CLARKE, 2014)<sup>5</sup>

As lésbicas, entretanto que não tem a consciência feminista como norteadora de suas práticas incorrem, regularmente, em submissões diferenciadas aos homens e aos ditames do patriarcado. Seja por meio da análoga, porém diversa, reprodução dos papéis sexuais na relação *butch/femme*, seja na própria associação de sua vida pessoal com homens como seus amigos, chefes, familiares, colegas e afins. A função dessas mulheres dentro do sistema heterossexual compulsório prevalece, independentemente de praticarem sexo com homens ou não.

Ser feminista, por outro lado, não parece menos controverso. Desde os primórdios do movimento já foram travadas disputas e tensões sobre os mais diversos temas o que culminou com o desenvolvimento separado de vertentes feministas. Algumas são capazes de lutar lado a lado em políticas de coalizões e outras guardam diferenças tão profundas que qualquer tipo de associação parece impossível, mesmo quando as demandas são comuns. De uma forma ou de outra, não cabe aqui fazer uma explanação sobre a história do feminismo, mas parece relevante apresentar as correntes que incidem sobre a questão lésbica.

## 2.2. Identidade feminista

A divisão dos momentos do feminismo em três ondas, como grande parte das autoras feministas fazem, parece insuficiente quando prestamos atenção ao desenrolar das escritas periféricas dentro do próprio movimento. Desde fins do

<sup>5</sup>“Ser lésbica em uma cultura tão supramachista – capitalista – misógina – racista – homofóbica e imperialista, é um ato de resistência, uma resistência que deve ser acolhida através do mundo por todas as forças progressistas. A lésbica, essa mulher “que tomou outra mulher como amante” conseguiu resistir ao imperialismo do amo na esfera da sua própria vida. A lésbica descolonizou seu corpo. Ela rejeitou uma vida de servidão que está implícita nas relações heterossexistas/heterossexuais ocidentais e aceitou o potencial da mutualidade em uma relação lésbica, não obstante dos papéis.”(tradução livre) CLARKE, Cheryl, *apud*.CURIEL, Ochy. El lesbianismo feminista: una propuesta política transformadora. Disponível em: <http://lahaine.org/index.php?blog=3&p=23079>. Acessado em: 19 out 2014, às 20h04min.



**18º REDOR**  
24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



século XIX as idéias de empoderamento das mulheres são trazidas a público com o intuito de gerar alguma crítica social. As heterogeneidades vivenciadas por cada grupo de mulheres revelam desigualdades não apenas sociais e étnicas, mas também sobre a própria concepção do sujeito mulher.

De forma bem sucinta, o feminismo teria se desenvolvido ao longo do século XX por meio dos três momentos que funcionaram analogamente em praticamente todos os países ocidentais. As primeiras reivindicações englobavam direitos civis e sufrágio universal; a segunda onda demandava afirmação do sujeito mulher como autônomo e diverso, através do alargamento da categoria mulher que passa a se preocupar com mulheres negras, pobres, indígenas, muçulmanas e tantas outras; a terceira onda se forma com o processo de afirmação do pós-estruturalismo, dos movimentos homossexuais e das políticas queers. (NARVAZ & KOLLER, 2007)

Outro ponto importante para a chamada terceira onda refere-se a adoção do termo gênero, ou estudos de gênero, que veio a se consolidar como um campo do saber. Os estudos de gênero surgiram como uma forma de colocar as questões das mulheres no conjunto das preocupações da academia, inicialmente através das ciências humanas e após algum tempo com ampliação para outras áreas. Entre outras motivações, percebeu-se que o uso do termo gênero abrandava os debates divergentes sobre o empreendimento dos estudos sobre mulheres. (SCOTT, 1989)

Se mantivermos os olhares restritos a essa interpretação tradicional estaremos reproduzindo o apagamento de tantas mulheres combativas que não se submeteram às políticas hegemônicas, como as anarquistas na primeira onda, as negras na segunda onda e as pós-coloniais na terceira, entre outros exemplos. A catalogação por esse modelo de ondas é útil, porém não suficiente e nem pode ser enxergado de maneira restritiva. Basicamente, as lésbicas são mais proeminentes da segunda onda, em políticas de correntes dentro do feminismo radical.

O surgimento de uma nova onda não determinou o fim da anterior. Essas fases coexistiram – principalmente a segunda e a terceira – em muitos casos de maneiras conflituosas. Se reivindicar feminista atualmente diz muito pouco sobre sua militância e seu posicionamento político, as correntes atuais tomaram rumos cada vez mais divergentes. Basicamente, as lésbicas assumiram duas grandes vertentes

**18º REDOR**  
24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE  
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:  
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



em meio a essa divisão, que também indica uma tendência macro do movimento feminista.

Por um lado as materialistas e por outro as pós-estruturalistas. Com infinitas subdivisões, esses macros grupos dividem as lésbicas entre aquelas que militam com mulheres (algumas vezes também em movimentos de mulheres) e outras que militam com homens e pessoas transexuais (principalmente em movimentos LGBTTTQI). As lésbicas anarquistas e marxistas que podem seguir um viés materialista se dividem entre as que militam só com mulheres e as que participam de movimentos mistos (em geral com homens e mulheres heterossexuais).

É preciso entender que essas divergências e divisões são fruto de anseios específicos que as tentativas de união dessas correntes em um grande grupo de lésbicas feministas não necessariamente podem ser produtivas já que isso poderia gerar um apagamento de certas especificidades. O contraponto se apresenta com a certeza de que a divisão enfraquece as pautas feministas comuns a todas às lésbicas fazendo dessa questão um eterno dilema político em meio aos afastamentos e as aproximações que ocorrem.

## CONCLUSÃO

Com esforço, busquei condensar algumas questões centrais para as lésbicas feministas brasileiras nessas poucas páginas. Sei que muitas informações foram insuficientes, mas definitivamente um estudo – mesmo que analisado apenas por seu caráter teórico e histórico – que engloba todo o movimento lésbico feminista no Brasil será que ser muito extenso e detalhado. Por isso, acabei por eleger alguns aspectos que me parecem mais inéditos e menos comentados dentro da literatura existente.

Busquei caracterizar diversas vertentes de maneira breve e visando alguma imparcialidade, mesmo que esta seja sabidamente inatingível. Muitos debates ficaram de fora e isso não os caracteriza como menos importantes. Priorizei apresentar algumas questões introdutórias e considero que outras, como as levantadas por Wittig (WITTIG, 2010, p. 43) sobre lésbicas não serem mulheres e as



relacionadas a centralidade da construção de espaços exclusivos, sejam mais complexas e devem ser debatidas em outro momento devido à restrição de espaço do presente trabalho.

Em suma, não busquei caracterizar movimentos lésbicos feministas brasileiros, mas mostrar que eles existem desde que o movimento feminista se consolidou como uma questão social. Talvez lésbicas organizadas tenham demorado algumas décadas há mais para surgirem, mas isso não quer dizer que elas não militavam antes em grupos feministas e nem que não existiam. Se foi somente com a década de 1980 que elas passaram a ser menos invisíveis isso revela força e amadurecimento político, mas nenhum nascimento ou ineditismo.

## REFERÊNCIAS

- CLARKE, Cherlyl, *apud*. CURIEL, Ochy. El lesbianismo feminista: una propuesta política transformadora. Disponível em: <http://lahaine.org/index.php?blog=3&p=23079>. Acessado em: 19 out 2014, às 20h04min.
- COLLING, Leandro. (Org). Stonewall 40 + o que no Brasil?. Salvador: EDUFBA, 2011.
- CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu* (16) 2001: pp.13-30.
- Entrecruzamentos de identidades ou projetos políticos lesbianistas e feministas*. s/a, s/d. In.: <http://heresialesbica.noblogs.org/files/2014/04/entrecruzamentos-de-identidades-ou-projetos-pol%C3%83%C2%ADticos-lesbianistas-e-feministas-e-acontabilidade-hetero.pdf>. Acessado em: 19 out 2014, às 07h40min.
- GROSSI, Miriam Pillar. A revista Estudos Feministas faz 10 anos: uma breve história do feminismo no Brasil. In.: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(N.E.): 264, setembro-dezembro/2004
- KOLLER, Sívila Helena & NARVAZ, Martha Giudice Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. In.: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006



LESSA, Patricia. *Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade*(Brasil, 1979-2006). Brasília: [s.n.], 2007.

LORDE, Audre. Não há hierarquias de opressão. *In.: Textos escolhidos de Audre Lorde*. Difusão Herética Lesbofeminista. s/d. fanzine.

MOTT, Luiz. O lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

NARVAS, Martha Giudice & KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: Articulando pesquisa, clínica e política. *In.: Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006

NAVARRO-SWAIN, Tania. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuun lésbico. *In.*: Bagoas. n. 05 | 2010 | p. 45-55

Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art02\\_navarro-swain.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art02_navarro-swain.pdf)  
Acessado em 16 out 2014 às 19h09min.

\_\_\_\_\_. O que é lesbianismo? São Paulo: Brasiliense, 2004.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

*Porque as feministas heterossexuais odeiam as lésbicas.* s/a, s/d. In.: <http://heresialesbica.noblogs.org/files/2014/04/Por-que-as-feministas-heterossexuais-odeiam-as-l%C3%A9sbicas.pdf>. Acessado em: 19 out 2014, às 07h36min

RACHID, María, MIÑOSO, Youderkys Espinosa e GONORASKY, Sonia. Lesbofeminismo. 2008. Disponível em: <http://www.despertandoalilith.org/?p=156>. Acessado em 18 out 2014, às 17h15min.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In.: *Bagoas*, n. 05, 2010. p. 17-44. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01\\_rich.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf). Acessado em 15 out 2014 às 17h20min.

SANTOS, Geisa Cristina dos. Rompendo o silêncio e a invisibilidade: lésbicas negras de Salvador. *In.: Anais do Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades – Educação, Saúde, Movimentos Sociais, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos*. Salvador: 2009.

# 18º REDOR

24 a 27 de Novembro  
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. In.: Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press. 1989.

SIMÕES, Júlio Assis& FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e História de gênero: um depoimento. In.: *Cadernos Pagu* (11) 1998: pp.77-87

\_\_\_\_\_. Mulheres investindo contra o feminismo: Resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica? In.: *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.13, n.24, 2008. p.191-207.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. O gênero da representação: Movimento de mulheres e representação política no Brasil (1980-1990). Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_17/rbcs17\\_01.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_01.htm). Acessado em 16 out 2014 às 18h26min.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WITTIG, Monique. El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Editorial Egales, SI, Madrid: 2010.